

Os princípios da Alteridade, Reflexão e Subjetividade nas Experiências

Musicais do Grupo Ticoritmos

Ivy Anne Santos de Assis
Universidade Federal de Uberlândia
ivy_flauta@yahoo.com.br

Sônia Tereza da Silva Ribeiro
Universidade Federal de Uberlândia
sonia@ufu.br

Resumo: Nesta comunicação apresentamos possibilidades de compreensão das falas de crianças e adolescentes do grupo Ticoritmos acerca de suas aprendizagens musicais. O texto é parte dos resultados da pesquisa de Mestrado em andamento no PPGArtes/UFU. Inicialmente traz aspectos da abordagem metodológica do Grupo Focal utilizada na investigação. Posteriormente, os fundamentos de Larrosa (2002, 2011) que colaboram com as reflexões do sentido da experiência musical sob o ponto de vista da reflexividade, alteridade e subjetividade.

Palavras chave: Grupo Focal, Experiência e Grupo Ticoritmos

1. Introdução

As diversas formas de ensinar e aprender música mostram-se ao longo dos anos como uma temática presente nas discussões em Educação Musical. As relações estabelecidas entre as pesquisas na área e as práticas pedagógicas de educadores musicais vêm trilhando caminhos para compreender a dinâmica das experiências, do ensino, aprendizagens e suas interfaces.

Compreender as aprendizagens musicais sob o olhar de quem aprende contribui para a construção de novos rumos e estratégias que se adequem às demandas atuais da educação musical. Nesta perspectiva esta comunicação vem apresentar as possibilidades de entendimento das falas de crianças e adolescentes acerca de suas aprendizagens.

A pesquisa em andamento tem por objetivo geral compreender por meio das falas das crianças e adolescentes, como se dá a aprendizagem a partir das experiências musicais

no Grupo Ticoritmos. O grupo surgiu em 2008 como resultado das três oficinas de música¹ do Centro de Formação da Criança e do Adolescente da Divulgação Espírita Cristã, ONG conhecida como Ticôte², na cidade de Uberlândia-MG; desenvolvendo práticas musicais coletivas pautadas na oralidade, observação, imitação e na criação.

Blacking (2007) entende a experiência musical como uma construção social que emerge dos valores, práticas e símbolos relevantes para o grupo, propiciando a “comunicação musical” por meio do sentido que lhe é atribuído. A experiência musical em sua inter-relação com a atividade reflexiva é abordada por Penna (2010) como alicerce para a fundamentação de práticas pedagógicas a partir das experiências musicais dos alunos, destacando que,

[...] o objetivo último do ensino de arte na educação básica (aí incluída a música) é ampliar o alcance e a qualidade da experiência artística dos alunos, [...]. Para que o ensino de arte possa de fato contribuir para essa ampliação da experiência cultural, deve partir da vivência do aluno e promover o diálogo com as múltiplas formas de manifestação artística (PENNA, 2008, p. 97)

Do ponto de vista da opção metodológica, a pesquisa de natureza qualitativa, caracteriza-se como um estudo de caso. O caso em estudo refere-se às práticas musicais do grupo Ticoritmos sob a perspectiva da experiência.

A técnica de coleta de dados utilizada é o Grupo Focal, que se adequa às práticas do grupo, que também são coletivas. As questões chave propostas para discussão no Grupo Focal foram estruturadas a partir dos princípios da experiência de Larossa (2002, 2011).

A pesquisa é relevante no sentido de compreender uma ação pedagógica pontual, real e contextualizada; trazendo reflexões sobre as práticas musicais centradas nos alunos e suas experiências. Interessa à área da Educação Musical identificar e compartilhar estas práticas para fortalecer os debates sobre ensinar e aprender música.

O referencial teórico está sendo fundamentado em Larossa (2002, 2011) e Dewey (1959, 1976, 1979). Para esta comunicação serão abordados aspectos metodológicos do

¹ São oferecidas oficinas de flauta doce, percussão e canto coral.

² O nome Ticôte é uma referência ao apelido de seu fundador, Bittencourt Afonso Costa.

Grupo Focal e em seguida, reflexões sobre as falas das crianças e adolescentes fundamentadas nos Princípios da Alteridade, Reflexividade e Subjetividade definidos por Larossa (2002, 2011).

2. O Grupo Focal

A técnica do Grupo Focal teve sua origem atribuída às Ciências Sociais, sendo seu idealizador o sociólogo Robert Merton (1910-2003). Sua utilização é apropriada para estudos que buscam entender ações, gostos, necessidades e sentimentos.

Neto, Moreira e Sucena (2002) definem o grupo focal como

[...] uma técnica de Pesquisa na qual o Pesquisador reúne, num mesmo local e durante um certo período, uma determinada quantidade de pessoas que fazem parte do público-alvo de suas investigações, tendo como objetivo coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre eles, informações acerca de um tema específico. [...] A principal característica da técnica de Grupos Focais reside no fato de ela trabalhar com a reflexão expressa através da “fala” dos participantes, permitindo que eles apresentem, simultaneamente, seus conceitos, impressões e concepções sobre determinado tema (NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002, p. 5).

A escolha do Grupo Focal como técnica de coleta de dados para ouvir as narrativas das crianças e adolescentes se deu em função da estreita relação com o objetivo da pesquisa que busca dar voz a eles. Esta técnica é coerente com a prática do grupo, levantando informações de forma também coletiva. Estimulamos as crianças e adolescentes a falar e contar suas experiências de aprender música no grupo Ticoritmos. Larrosa mostra a importância das palavras destacando que:

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos, são mais do que simplesmente palavras. [...] o sentido ou o sem-sentido, tem a ver com as palavras[...] não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 21).

Partimos do pressuposto que a construção do conhecimento é um movimento dinâmico, e que cada indivíduo traça seus trajetos de aprendizagens. As falas das crianças e adolescentes sinalizaram uma possibilidade palpável de obtenção de informações para a pesquisa.

O planejamento do Grupo Focal se iniciou pela elaboração de um roteiro de questões que tinham por intuito extrair do grupo respostas e opiniões a respeito do objeto de pesquisa.

Sobre o roteiro,

[...] sua elaboração envolve a pontuação dos tópicos que serão discutidos no grupo, a fim de que as sessões sejam bem direcionadas e nenhum tema deixe de ser mencionado, servindo, pois, como meio de orientação e auxiliar de memória. [...] o Roteiro deve ser norteado pelos objetivos da pesquisa que, a esta altura, já foram por eles delimitados. Deverão ser concebidas, então, questões-chave que propiciem o levantamento e a obtenção de informações elucidativas acerca dos objetivos específicos propostos pela pesquisa (NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002, p. 10-11).

Os participantes foram convidados a colaborar com a pesquisa, observadas características homogêneas, como permanência na ONG e vivência musical no grupo Tícoritmos; e características heterogêneas, como idade, sexo. A sessão foi realizada em uma das salas da ONG.

A condução do grupo foi realizada pela pesquisadora na função de moderadora ou mediadora. Esta escolha se deu pela boa relação do pesquisador com o grupo pesquisado, recriando o ambiente familiar onde eles desenvolvem as práticas, além de intervir com exemplos práticos caso alguma questão não fosse compreendida pelos participantes. Melo e Araújo (2010) relatam sobre o perfil do moderador,

[...] no decorrer da pesquisa a flexibilidade é imprescindível, assim como sensibilidade do moderador em não forçar o grupo, pois os comportamentos dos participantes são imprevisíveis. [...] o moderador deve se preparar para as diversas situações e ter habilidade de facilitar a conversa e conduzir o grupo com tranquilidade e consistência. [...] nunca deve expor suas opiniões ou criticar os comentários dos participantes, podendo ser o próprio pesquisador ou outro profissional, experiente,

competente e com habilidades necessárias para conduzir os trabalhos (MELO; ARAÚJO, 2010. p. 6).

Treze crianças e adolescentes de onze a quinze anos autorizados pelos pais ou responsáveis por meio do preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) compareceram na data previamente agendada. Os dados obtidos foram registrados em áudio e vídeo de qualidade satisfatória, e posteriormente transcritos.

No entanto, a opção por esta metodologia apresentou certas dificuldades. O moderador deve estar sempre atento no sentido de reconduzir o grupo ao tema discutido, pois a proximidade com uma conversa informal abre um grande leque de possibilidades, subjetividades e opiniões. O estímulo constante em suscitar a participação dos mais tímidos e evitar o monopólio de outros requer do moderador, múltiplas habilidades e percepções que devem se fazer presentes concomitantemente à apresentação das questões. Outro aspecto relevante recai sobre as dificuldades enfrentadas durante a transcrição, pois em vários momentos as falas são simultâneas não sendo possível identificar claramente seu conteúdo.

Em contrapartida, os alunos ficaram muito à vontade em responder às questões e não se intimidaram com a presença da câmera. Todas as questões propostas foram abordadas e ao final os alunos participantes foram presenteados com uma mensagem de agradecimento e um chocolate.

O trabalho com Grupo Focal forneceu para a pesquisa informações que estavam além das questões formuladas.

3. Os Princípios da Experiência e a Reflexão sobre os dados

Fundamentamos uma proposta de interpretação dos dados da pesquisa em um recorte teórico, com base em alguns princípios da experiência nomeadas por Larossa (2002, 2011) de reflexividade, alteridade e subjetividade. Segundo os estudos do autor, podemos entender os fundamentos desses princípios a partir dos sujeitos da experiência sendo que a experiência “ é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca, [...] é um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (LARROSA, 2002, p.21).

3.1 Reflexividade

O princípio da Reflexividade pressupõe um movimento de exteriorização do que foi aprendido, e “este acontecimento produz efeitos em mim, no que sou, no que penso, no que sinto, no que eu sei, no que eu quero” (LAROSSA, 2011, p. 7). Esse princípio é fundamental para entendermos como as crianças e adolescentes aprendem música na prática coletiva do grupo Ticoritmos, as estratégias que desenvolvem, suas expectativas e iniciativas frente ao repertório, ou seja, traz informações que vão ao encontro do acontecimento como um todo.

Dentre as repostas entendemos que as interações com as tecnologias propiciam experiências que são potencializadas no contexto do grupo e promovem a autoaprendizagem musical. A fala de Fernando³ ilustra esta consideração quando narra sobre a sua experiência em aprender violão. “Eu aprendi no *Youtube*, quando eu estava procurando as cifras. Aí eu tentei fazer no violão e saiu”. (Relatório de Campo, Fernando, p. 8). Este aluno busca na internet as cifras de todas as músicas do repertório do grupo para estudar em casa e os professores auxiliam na definição das tonalidades. Para Larrosa, a experiência é um saber que se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. Um conhecimento que não é neutro, mas subjetivo, carregado das necessidades individuais, a exemplo de Fernando. O autor explicita uma nota acerca do saber da experiência ter um caráter da existência individual, referindo-se ao sujeito que necessita ter uma disponibilidade apaixonada, ser receptivo e aberto à experiência musical buscando caminhos próprios que envolvem esforço, tensão, perigo. Essa noção da experiência como de travessia e perigo, é diferente da ideia da experiência enquanto método ou caminho seguro com vistas a encontrar resultados objetivos. Nessa direção o saber da experiência é diferente do experimento. A experiência é singular, heterogênea e produz pluralidade. O experimento é generalizado, produz homogeneidade e consenso.

Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser

³ Ressaltamos que os nomes reais dos alunos foram substituídos por nomes fictícios.

reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (LARROSA, 2002, p. 28).

As experiências com a música fazem parte da vida humana e as crianças e adolescentes as vivenciam também fora do grupo, possibilitando reflexões sobre a produção sonora do instrumental que o Grupo Ticoritmos utiliza. As experiências ocorrem na dinâmica do grupo, não só por influência da tecnologia, mas também pela reprodução dos ritmos em fontes sonoras que se tem à disposição. Gabriel, relata, “O tambor é da minha mãe por roupa, é igual aos do professor” (Relatório de Campo, Gabriel, p.17), referindo-se aos galões utilizados como tambores e que embalam as aulas de percussão.

A experiência do sujeito traz uma ideia de passividade que se refere àquilo que vem antes do par oposto ativo e passivo. Tem a ver com uma necessidade de parar para pensar, para olhar e ouvir calmamente. “ [...] demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço ” (LARROSA, 2002, p.24).

Os ensaios do grupo também são abordados pelos alunos como forma de refazer experiências e aprendizagens. O conceito de ensaio adotado é um limiar entre aula e preparação para as apresentações. Ao final das aulas são repassadas as músicas que compõem o repertório do grupo com as devidas formações e entradas. Revelam, ainda, que a experimentação constitui aprendizagens novas, pois aprendem com os erros e acertos. Algumas falas das crianças e adolescentes desvelam momentos onde se interpreta o tempo da reflexão. E também descrevem estratégias de aprendizagem permeadas pela reflexão sobre a ação: “Eu respiro e penso na cabeça” (Relatório de Campo, Yasmim Fernanda, p. 21) e “ Eu falo o nome das notas ” (Relatório de Campo, Yasmim Helena, p. 22).

3.2 Alteridade

A observação e a imitação estão presentes nas repostas dos alunos, podendo também ser interpretadas com base no princípio da alteridade, pois evidenciam uma estratégia de aprendizagem centrada na presença e na atuação do “outro”.

O princípio da alteridade refere-se à inter-relação entre os sujeitos que passam pela experiência, pois em função da prática coletiva do grupo a atuação do “outro” também promove a experiência. Com este olhar é possível compreender de que forma as ações do “eu” e do “outro” interferem na prática do grupo. Isis relata, “Eu aprendo no olhar. Eu vejo para depois fazer” (Relatório de Campo, Isis, p.10); Gabriel “Eu aprendi só escutando, ninguém me ensinou” (Relatório de Campo, Gabriel, p. 8).

Durante a dinâmica do grupo focal ficou evidente a importância da dedicação e da necessidade de prestar atenção no “outro”, tanto nos sons que ele emite no instrumento quanto nos movimentos que originam tais sons. A experiência entendida como criação e responsabilidade em tocar junto é abordada por Larrosa (2002) como uma paixão. E essa noção, para o autor, não é incompatível com a liberdade ou autonomia. Segundo essa consideração, a paixão constrói uma liberdade que tem vínculos, que é determinada, inclusa, e fundada numa aceitação primeira de alguma coisa que está fora do sujeito da experiência, de algo que ele não é, e por isso ele tem capacidade para se apaixonar.

Na paixão se dá uma tensão entre liberdade e escravidão, no sentido de que o que quer o sujeito é, precisamente, permanecer cativo, viver seu cativeiro, sua dependência daquele por quem está apaixonado. Ocorre também uma tensão entre prazer e dor, entre felicidade e sofrimento, no sentido de que o sujeito apaixonado encontra sua felicidade ou ao menos o cumprimento de seu destino no padecimento que sua paixão lhe proporciona (LARROSA, 2002, p. 26).

Conviver, cantar e tocar com o “outro” permitem experiências e aprendizagens coletivas, estabelecendo conexões com o princípio da subjetividade.

3.3 Subjetividade

O Princípio da Subjetividade revela que toda experiência é subjetiva e afeta os indivíduos de [...] “modo único, singular, particular, próprio” (Larossa, 2011. p. 7). A partir deste princípio estabelecemos relações entre a aprendizagem individual e coletiva, assim como aspectos referentes à motivação, à memória e aos sentimentos oriundos destas aprendizagens. A questão da memorização das músicas difere entre os alunos, Yasmim Helena revela, “Eu lembro só a parte que eu faço” (Relatório de Campo, Yasmim Helena, p.10), ao contrário do aluno Gabriel que se orgulha de sua capacidade de memorização, “Eu lembro a minha, a do outro e lembro para mais um” (Relatório de Campo, Gabriel, p.21).

As sensações que emergem do repertório do grupo também foram relatadas, enfatizando que eles aprendem mais rápido aquilo que gostam, aquilo que possui significado, e que “deixa marcas”.

E, quando perguntados sobre outros tipos de aprendizagens que emergem das práticas do grupo, obtivemos como respostas disciplina, humildade, educação, dedicação, respeito, bondade, valores, alegria. E, a partir destas respostas pudemos entender que as experiências musicais do grupo colaboram com outras experiências que ultrapassam a prática musical.

4. Considerações

As formulações de Larossa são contributivas no sentido de compreender que as experiências de aprendizagem no grupo recriam e mobilizam outras experiências que se acumulam ao longo do tempo. Estas experiências ficam gravadas na memória e independem da decodificação dos termos musicais tradicionalmente estabelecidos. Nesse estudo enfocamos o sentido da experiência e do sujeito da experiência e compreendemos a abordagem da experiência sob o ponto de vista da travessia da abertura, da reflexividade, alteridade e da subjetividade.

Referências:

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. Trad. ANDRÉ-KEES DE MORAES SCHOUTEN. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 16, p. 201-218, 2007.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2008. p. 180-192.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber livro, 2012.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan-abr. 2002, p. 20-28. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27501903>> Acesso em: 10 mar. 2015

_____. Experiência e Alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 4-27. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898> Acesso em: 10 mar. 2015

MELO, Patrícia Sara Lopes e ARAÚJO, Waldirene Pereira. Grupo Focal na pesquisa em educação. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação. **Anais...** Terezina, PI:2010. p. 1-13

NETO, Otávio Cruz; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. **Anais...** Ouro Preto: MG, 2002. p. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf, Acesso em: 13/07/2014

PENNA, Maura. Mr. Holland, o professor de música na educação básica e sua formação. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 23,25-33, mar. 2010.